

SIGNIFICANTES E SINONÍMIAS NA TEORIA DA ATIVIDADE DE ALEXEI LEONTIEV

Signifiers and Synonymy in Alexei Leontiev's Activity Theory

Rafael Sarto Muller

Economista, servidor público federal da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), especialista em Ciência Política, mestre em Gestão Social e doutor em Letras pela PUC Minas.

Resumo

O presente trabalho dedicou-se a organizar o léxico em torno da Teoria da Atividade de Leontiev. A seleção dos textos analisados deu-se por conveniência, conjugando obras originais e releituras e traduções dos principais autores, com vistas a observar os processos de mudança dos significados conferidos a termos essenciais dentro da teoria de Leontiev. Foi identificado que a Teoria da Atividade de Leontiev é estruturada em torno da tríade Sujeito, Atividade e Objeto e desenvolvida em níveis mais detalhados e descritivos de análise, agregando outros termos como Ação, Operação, Necessidade, Objetivo, Instrumento e Técnica. A análise do léxico permitiu elucidar os embates travados entre autores de mesma linha teórica que, muitas vezes, acabam por conferir significados discrepantes para cada um dos termos, gerando discordâncias apenas aparentes.

Palavras-chave: léxico; instrumento; objeto técnico; tecnicidade; trabalho

Abstract

The present work was dedicated to organize the lexicon around Leontiev's Activity Theory. The selection of the analyzed texts was made for convenience, combining original works, rereadings and translations of the main authors, in order to observe meanings' changes given to essential terms within Leontiev's theory. It has been identified that Leontiev's Theory of Activity is structured around the categories Subject, Activity and Object, which are developed into more detailed and descriptive levels of analysis, adding other terms such as Action, Operation, Need, Objective, Instrument and Technique. The analysis of the lexicon allowed us to elucidate the clashes between authors of the same theoretical line that often end up giving different meanings for each of the terms, generating only apparent disagreements.

Keywords: lexicon; instrument; technical object; technicality; job

Introdução

Ao estruturar a sua Teoria da Atividade, Leontiev (2014) postula “Atividade” enquanto categoria que agrega todas as relações entre sujeitos e a realidade objetiva. Em se tratando de uma afirmação de amplo alcance, sua teoria tem sido traduzida, interpretada, retrabalhada e aplicada por diversos autores e nos mais vários contextos.

Como é natural da língua e das traduções, a discussão por várias vozes em torno de uma mesma teoria acaba por gerar uma multiplicidade de termos importantes para a sua estruturação que funcionam como categorias analíticas de pesquisa, as quais se aproximam e se afastam em significados umas das outras e, assim, geram dificuldades à compreensão da teoria por novos pesquisadores. Uma mesma palavra (significante) pode, e frequentemente ocorre, ser dotada de significados diversos de uma obra para outra, a partir das opções de problematização de seus autores.

Por esse motivo, o presente trabalho pretende organizar o léxico em torno das principais ideias da teoria de Leontiev, levando-se em conta alguns dos expoentes no tema que contam com textos originais ou traduzidos em português, espanhol e francês. A presente pesquisa adota uma abordagem bibliográfica com enfoque nos seguintes autores: Leontiev (1978; 2014), Cresswell (1989), Simondon (2018), Machado (2010), Valverde (2011), Haudricourt (1964), Leroi-Gourhan (2010), Mauss (2003), Sforzi (2003), Moura et al. (2010), Ouvriez-Bonnaz (2010) e Leplat (2018).

O texto se dividirá em duas partes principais. A primeira apresentará a Teoria da Atividade de Leontiev a partir de dois de seus escritos originais traduzidos, permitindo a estruturação dos principais conceitos em torno da teoria. Estabelecida essa referência, a segunda voltar-se-á às aproximações, afastamentos e opções lexicais e epistemológicas realizadas pelos outros autores em estudo em relação à obra de Leontiev.

Por fim, pelo fato de a Teoria da Atividade utilizar-se, frequentemente, de palavras de uso corrente na língua portuguesa como “atividade”, “ação”, “operação”, “objeto”, “objetivo”, “motivo”, “necessidade”, “consciência”, “sujeito”, “trabalho”, “técnico” etc. enquanto constructos teóricos de relevância, optou-se por, ao longo do texto, usar-se de uma cerquilha (#) para dar destaque às palavras-categorias apropriadas por algum dos autores com importância teórica, diferenciando-as, quando não for viável o uso de sinônimos, das palavras de uso corrente.

A Teoria da Atividade na obra de Leontiev

Leontiev (2014) apresenta a Atividade# enquanto uma categoria sempre relevante para a interpretação do mundo por tratar das relações entre sujeitos e a realidade objetiva.

Nesse aspecto, estabelece-se um padrão relacional “Sujeito# – Atividade# – Objeto#” que pode ser identificado em qualquer proposta de observação da realidade.

Com esse trabalho inicial, ficam três categorias estabelecidas como significativas para Leontiev em seus estudos: as categorias de Sujeito# e Objeto#, que são postos no mundo, operam e são operados, e a categoria Atividade# que se refere às relações que se estabelecem entre as anteriores e, também, entre Sujeitos# (Leontiev, 2014).

Estando toda a realidade submetida a essa possibilidade de análise, de repartição em partes menores para estudo, a Atividade# enquanto relação – que opera potencialmente entre todos os Sujeitos# e Objetos# – seria também, nas suas palavras, uma “unidade de vida” (Leontiev, 2014). De fato, ao não se poder reduzir toda a realidade e a complexidade da vida às partes que a compõem, senão à soma das partes com todas as relações possíveis entre essas partes, a noção de relação passa a ser essencial à compreensão do mundo. Ao trabalhar essa relação em sinonímia com Atividade#, Leontiev garante a significância absoluta à categoria como pretendia.

Além de sua preocupação com as partes do mundo (Sujeitos# e Objetos#) e suas relações (Atividade#), Leontiev também olha para tais elementos em perspectiva de historicidade, ao longo do tempo. É isso que, postula ele, diferencia qualitativamente o homem dos animais. O homem, enquanto Sujeito#, é capaz de construir-se e desenvolver-se através da Cultura#, desenvolvimento esse de características sociais (relações entre Sujeitos#) e históricas (que se materializam ao longo do tempo), dada via Trabalho# (Leontiev, 1978). A Cultura#, portanto, seria o somatório das Atividades# acumuladas, podendo ser também chamada de Humanidade#, Cultura Humana# e Gênio Humano#. A sinonímia entre todas essas categorias é identificável na medida em que Leontiev afirma que o que confere Humanidade# ao Sujeito# homem é a Cultura#, sendo um atributo essencial na sua diferenciação dos animais (Leontiev, 1978).

Percebe-se que Animais# não se caracteriza enquanto categoria de relevância para Leontiev, ao que poderia ser tomado como sinônimo de Objeto#. Tal opção, entretanto, justifica-se para agregar o sentido dinâmico desejado à Atividade#. Enquanto unidade de vida, a Atividade# demanda o funcionamento de Sujeitos#, não sendo possível falar em Atividade# exclusivamente entre Objetos#. Sendo os animais seres vivos, poder-se-ia incorrer no erro de pensar que animais também têm Atividade#, o que é falso. A atividade dos animais é meramente instintiva ou aprendida por repetição, não-cultural e, portanto, desprovida de Humanidade# (Leontiev, 1978). Ao nomear Atividade# como “unidade de vida”, fá-lo de modo expressivo, mas não trata Vida# como categoria útil para sua teoria. Como a construção cultural se dá via Trabalho#, esta categoria é, portanto, um subtipo da categoria Atividade#. Sendo a Atividade# toda relação possível entre Sujeitos# e Objetos# ou entre Sujeitos#, quando essa relação permite uma construção histórica e social (entre

Sujeitos#, ainda que indiretamente) identificável, poderá ser nomeada Trabalho#.

Dessa forma, se alguém opera sozinho, exclusivamente pensando sobre determinados conceitos abstratos (Objetos#) aprendidos – que, necessariamente, foram construídos culturalmente –, está em Atividade#, mas não necessariamente em Trabalho#. A título de exemplo, de uma perspectiva pedagógica, tais operações realizadas por um estudante poderiam considerar-se Trabalho# na medida em que são culturalmente esperadas por outros Sujeitos# e passíveis de avaliação em relação à apropriação desses conceitos (Objetos#). Essa relação de expectativa já seria suficiente para instalar a relação indireta existente entre Sujeitos# e caracterizar o Trabalho# do aluno. Como é perceptível, Trabalho# e Atividade# aproximam-se bastante, podendo ser tomados um pelo outro ou enquanto sinônimos em diversas situações. Sua sutil diferenciação varia, ainda, de acordo com a amplitude de significado dada à categoria Trabalho#: quanto mais ampla, mais próxima da Atividade#.

Debates em torno de Leontiev

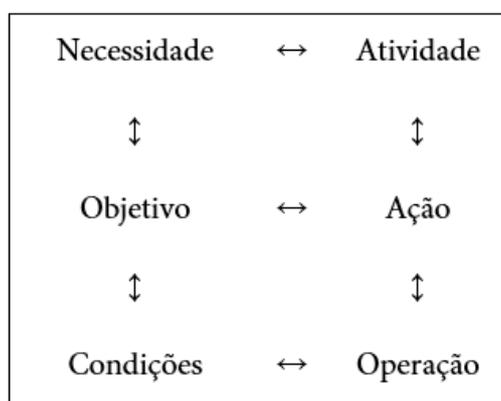
Machado e Machado (2018) afirmam que Leontiev apresenta uma proposta política de desenvolver, através da Teoria da Atividade#, uma teoria psicológica com metodologia que seguisse os preceitos materialistas, rompendo ao mesmo tempo com as posturas idealistas, mecanicistas e biologizantes do Sujeito#. Em sua perspectiva, o idealismo trataria a Atividade# como forma abstrata e especulativa, submetendo as ações do homem à determinação biológica e interna, desconectada da riqueza de suas relações sociais, históricas e culturais. Em que se pese Leontiev fazer exatamente o que critica – criar um conceito altamente abstrato, o de Atividade#, que se adequa enquanto categoria a todas as relações estabelecidas entre Sujeitos# e Objetos# e entre Sujeitos# –, sua postura aplicada (e não a sua teoria pura) promove os recortes na realidade de modo a aproximá-la de sua materialidade, o que é sentido pelas autoras.

Destrinchando a obra de Leontiev, postulam a premissa de que toda Atividade# de um Sujeito# é decorrente de uma Necessidade#, esta adotada no texto em sinóníma com Motivo# (Machado & Machado, 2018). A partir desse trinômio, organizam dois níveis mais abaixo de detalhamento da Atividade#, permitindo que a Teoria se aproxime da realidade observável. A Atividade# seria então subdividida em Ações# e estas em Operações#, enquanto a Necessidade# seria reduzida a Objetivos# e estes a Condições#. Nessa estrutura, Atividade# relaciona-se diretamente a uma Necessidade#. Entretanto, a Atividade# é uma operação complexa, podendo ser subdividida em um conjunto de Ações# menores. Individualmente, cada Ação# é incapaz de atender integralmente à Necessidade#, fazendo com que elas se direcionem a Objetivos#. Da mesma forma que o so-

matório organizado de Ações# configuram uma Atividade#, o atingimento do somatório de Objetivos# acaba por satisfazer a Necessidade# (Machado & Machado, 2018).

Um nível mais abaixo, quando sequer se pode identificar uma motivação direta para determinado comportamento, nomeia-se como Operação# a ação do indivíduo. Cada Operação#, individualmente, não pode garantir o atingimento de um Objetivo#, mas necessariamente está condicionada a um elemento de contexto, nomeado Condição#. O Sujeito# quando realiza uma Operação#, por ela ser uma subdivisão da Ação# e, por conseguinte, da Atividade#, fá-lo, necessariamente, em um determinado contexto, a partir dos recursos de que dispõe (Condição#) (Machado & Machado, 2018). A figura 1 apresenta esquematicamente essas relações.

Figura 1: Relações entre signos centrais na Teoria da Atividade de Alexei Leontiev.



Fonte: Elaboração própria.

Como toda relação dispõe de Sujeito# e Objeto#, todas as ações do primeiro, em qualquer nível de análise, estarão relacionadas a Objetos#. Interessante notar que o surgimento das categorias Necessidade# e Objetivo# geram uma discussão que coloca o termo Objeto# em contexto de plurissignificação, importante de desmistificar. No texto de Machado e Machado (2018), Objeto# é apresentado em sinonímia com Necessidade# e Motivo#. Do ponto de vista lógico-abstrato, apresentá-lo como tal não gera qualquer dificuldade, uma vez que a Atividade# intermedeia Sujeito# e Objeto#. Ocorre que o Objeto# caracterizado como Necessidade# do Sujeito# pode ser outro diverso do Objeto# ou Sujeito# sobre o qual atua.

Isso fica claro no exemplo trazido pelas autoras referente à pedagogia: em relação a um professor (Sujeito#), através de sua Atividade#, relacionam-se dois Objetos# – na verdade, um Objeto# e um outro Sujeito# –, quais sejam: a aprendizagem do aluno e o próprio aluno (Machado & Machado, 2018). Quanto mais alto o nível de análise, mais

abstratos os Objetos# e as Atividades#: nesse caso, a Atividade# de ensinar relaciona-se ao Objeto# aprendizagem do aluno, ambos de importante grau de abstração e generalização.

Ainda que tenda a gerar confusão, esse debate é relevante para perceber que a Necessidade#, enquanto Objeto#, é arbitrária e independente, a priori, do Sujeito# (Machado & Machado, 2018). O Sujeito# só se relaciona ao Objeto# através da Atividade#. Logo, para que essa relação exista, é preciso a Atividade# de ensinar, cuja construção é cultural.

Nessa sequência, os Objetivos#, enquanto partes da Necessidade#, não são arbitrários, senão determinados pela própria Necessidade#. Não é qualquer conjunto de Objetivos# que atende a uma Necessidade#, senão um conjunto específico e, por vezes, ordenado. Assim, como é exigido que a Necessidade# esteja estabelecida para que se determinem os Objetivos#, é necessário que exista, também a priori, a Atividade# e o Sujeito#. É nesse sentido que as autoras, seguindo Leontiev, postulam que os Objetivos# são determinados durante e conjuntamente à Atividade#, não podendo ser determinados a priori (Machado & Machado, 2018).

A confusão aqui existente decorre, novamente, do grau de amplitude dado ao conceito Atividade#. No senso comum, uma atividade só se inicia com os primeiros comportamentos observáveis de um indivíduo, não se computando o planejamento realizado de modo completamente privado (apenas em seus pensamentos). Esse conceito de atividade é, portanto, limitado a elementos observáveis. O conceito de Atividade# proposto por Leontiev é um conceito por excelência abstrato, não se prendendo aos comportamentos observáveis para ser determinado. Por se tratar de uma categoria que abarca todas as relações, a Atividade# já existe a partir do momento que o Sujeito# relaciona-se com o Objeto#, mesmo que não se tenha tomado nenhuma medida observável em relação a ele. Como logicamente é impossível pensar qualquer relação (Atividade#) sem Sujeito# e Objeto#, dizer que os Objetivos# são determinados durante a Atividade# é meramente uma decorrência lógica necessária.

Por fim, importante notar duas outras ressalvas: a) a premissa estabelece que toda Atividade# possui uma Necessidade# como Objeto#, fazendo com que as atividades [aparentemente] não motivadas devam ser pensadas em termos de Necessidade# não-identificada ou oculta, muitas vezes histórica, social e culturalmente definidas (Machado & Machado, 2018); b) por se tratar de uma teoria com alto grau de abstração – como visto, as categorias usadas possuem o atributo de serem generalizáveis para todas as realidades materiais em estudo –, tais conceitos são, também, ideais, não comportando o erro como um elemento intrínseco. Em outras palavras, um Objetivo# só pode ser identificado materialmente como Objetivo#-em-relação-a-uma-Necessidade# quando sua eficácia no atendimento parcial da Necessidade# for materialmente observada, algo que não está dado a priori. Assim, um Objetivo# pode ser tomado como Objetivo#-determinado-por-uma-

-Necessidade# durante a Atividade# de um Sujeito# que, posteriormente, vê-se frustrado pelo não atendimento de sua Necessidade#. Essa é uma situação que não invalida a teoria: a vinculação de um Objetivo# a uma Necessidade#, ainda que determinada, também se trata de uma ação da consciência humana, podendo ser falível.

Havendo na realidade apenas as macrocategorias Atividade#, Sujeito# e Objeto#, todos os três níveis de Necessidade#, Objetivos# e Condições# são Objetos# (Machado & Machado, 2018). Os limites entre eles, por serem um *continuum*, não são evidentes e imediatos, sendo possível estabelecer divisões e subdivisões adotando-se critérios diversos, que variarão conforme o interesse do pesquisador de cada análise. Todo modo, as divisões mais tradicionais acabam por posicionar nos níveis mais altos Objetos# mais abstratos e, nos níveis mais baixos, Objetos# mais concretos, aí incluído o Instrumento#.

O Instrumento# é usado em sinonímia com Objeto Técnico# e Utensílio#, sendo o Objeto# usado nas Operações# de um Sujeito# dentro de uma Atividade#. Fazendo o Instrumento#, ao lado da Atividade# e do Sujeito#, parte da tripla relação estabelecida pela Teoria da Atividade#, é lógico pensar que esse mesmo Instrumento# não estará apartado de seus significados culturais e de todas as relações que se estabelecem entre os Sujeitos# em suas Atividades# envolvendo aquele mesmo Objeto# (Instrumento#) e os Objetivos# a que ele atende (Machado, 2010).

Nos estudos que enfocam os Instrumentos#, portanto, será responsabilidade do pesquisador delimitar o rol de atributos do Instrumento# a ser analisado. Há aquelas pesquisas que enfocam o recorte das relações entre Objetos# (Instrumento# e Objetivo#) e, portanto, privilegiam atributos como evolução tecnológica, eficiência e eficácia produtiva etc. Outras pesquisas podem debruçar-se sobre a relação existente entre tais Objetos# e as Operações# e Ações# (níveis inferiores do estudo da Atividade#) a que se referem, privilegiando atributos e variáveis como organização dos processos produtivos, ergonomia e ergologia etc. Se incluem o trabalhador (Sujeito#), mas mantêm o escopo de análise em recorte micro, o atributo qualificação do trabalhador pode se tornar uma variável importante (Machado, 2010).

Todos esses estudos, cujas opções se voltam exclusivamente ao polo do Objeto# e/ou aos níveis mais micro da análise, são chamados estudos de visão utilitarista e historicidade objetiva exatamente por optarem por não ter o Sujeito# como objeto de estudo. A historicidade objetiva, como o adjetivo “objetiva” sugere, privilegia as modificações do Objeto# ao longo do tempo, não havendo correspondência no estudo das alterações dos Sujeitos# por não serem de interesse do estudo em específico. Uma pesquisa que estabeleça no Sujeito# e na Atividade# (níveis macro da análise) os seus objetos principais de estudo – normalmente em relação, também, ao Instrumento – terá em conta especialmente variáveis e atributos como valores culturais, sustentabilidade, a historicidade da consciên-

cia do trabalhador etc. Usualmente, são as pesquisas de cunho materialista que tendem a optar pelo enfoque no Sujeito# (Machado, 2010).

Considerado o enfoque no Instrumento#, a Operação# (nível micro de análise da Atividade#) orquestrada por um Sujeito#, valendo-se desse Instrumento#, é tratada como Técnica# ou Processo Técnico# em Cresswell (1989), que também é o autor que prefere optar pelo termo Utensílio# como substitutivo direto de Instrumento#.

Sendo a Técnica# uma categoria analítica dentro da Teoria da Atividade#, Haudricourt (1964) defende que a Tecnologia# seria a ciência responsável pelo estudo dessas técnicas e de todo o seu contexto circundante. Por isso mesmo, tratar-se-ia de uma ciência humana, já que a Técnica#, enquanto relação entre Sujeito# e Instrumento#, envolve necessariamente o homem e todo o seu processo de construção social e histórica. Em seu estudo, enfoca o processo de aprendizagem humana por imitação e o uso da linguagem para fins de comunicação simbólica e expressiva, buscando os vários níveis de análise que permite a Atividade#. A título de exemplo das opções analíticas que podem ser feitas pelos pesquisadores, pondera que mais abaixo do som ou da voz – muitas vezes considerados pelos pesquisadores como Instrumento# de menor nível na comunicação humana –, pode-se incluir os movimentos musculares realizados para produzi-lo (Haudricourt, 1964). Isso, entretanto, não enseja a criação de uma nova categoria analítica abaixo da Técnica# (Operação#), tendo em vista que os limites entre tais categorias são de difícil delimitação e residem na escolha individual de cada pesquisador.

Como demonstrado exaustivamente até aqui, as diferenciações que são feitas em tornos dos significantes são meramente esquemáticas e didáticas, usadas como forma de estruturar raciocínios e propor enfoques e agrupamentos de variáveis diversos, não sendo suficientes para chegar a se falar em oposição ou ausência de relação entre tais variáveis. Simondon (2018) é um autor que se mostra especialmente preocupado em estabelecer e manter todos os significantes dentro de um mesmo campo semântico e em constante relação, estudando os modos de existência dos Objetos Técnicos#. Ainda que do ponto de vista analítico pareça absurdo tratar de modos de existência para um Objeto# não animado, o uso da linguagem figurativa e das personificações em seu texto ao propor tais modos para os Instrumentos# (Objeto Técnico#) acaba por lhe permitir atingir o seu objetivo expressivo de redemonstrar a intrínseca relação entre Instrumento#, Operação# e Sujeito#, uma premissa da Teoria da Atividade# em termos abstratos (a tríade Objeto#, Atividade# e Sujeito#).

Especialmente sobre campos semânticos, os modos como os significados se sobrepõem e conflitam entre si ficam evidentes em Leplat (2018). Baseado nos estudos de Simondon, estabelece uma série de outros termos para designar casos particulares dos conceitos já discutidos. Dois desses novos conceitos são Trabalho# e Tecnicidade#. Apesar

de serem termos usados dentro da estrutura básica da Teoria da Atividade#, Leplat (2018) propõe outras métricas para a diferenciação desses conceitos.

Em relação à Tecnicidade#, sugere a ampliação do conceito para toda a cadeia relacional da Teoria da Atividade#. Assim, enquanto para muitos autores Tecnicidade# é usado em sinonímia com Técnica# e designa apenas os níveis mais baixos e mais próximos de Instrumento#, em seus estudos, Leplat (2018), influenciado por Simondon, não aceita tais diferenciações semânticas para fins de organização do pensamento e postula Tecnicidade# como sinônimo de Atividade#, sugerindo que se use, inclusive, da figura de linguagem pleonasma para reforçar esse caráter, adotando o nome Atividade Técnica#.

Já em relação a Trabalho#, sugere outra variável para defini-lo. Se originalmente em Leontiev (1978) o Trabalho# era designado por seu caráter culturalmente produtivo, realizado por Sujeitos# em relação de construção social e histórica, na leitura de Leplat (2018) o determinante do Trabalho# é o emprego do próprio corpo pelo Sujeito# como instrumento de intermediação entre espécie e natureza. Nessa situação, a natureza surge como Objeto# relacional essencial para a caracterização do Trabalho# e o corpo do sujeito surge da mesma forma, porém como um Instrumento#. Tal perspectiva atinge um triplo objetivo para o autor: a) problematiza a teoria de Leontiev, diferenciando-se dela; b) apesar dessa diferenciação, não chega a abandonar a perspectiva histórico-dialética, satisfazendo sua necessidade de manter a crítica às visões ditas utilitaristas; c) consegue sustentar uma diferenciação, ainda que sutil, entre Atividade# e Trabalho#, porém invertendo a relação de pertencimento entre as duas categorias, garantindo certo grau de inovação à obra.

Para Leplat (2018), a maior parte dos estudos posiciona o Trabalho# como uma categoria superior à Tecnicidade#, quando, em sua posição, a relação deveria ser invertida. Como já demonstrado, a teoria original de Leontiev propõe como categoria abstrata maior o termo Atividade#, estando o Trabalho# reduzido àquelas relações com caráter de desenvolvimento de cultura e consciência. A Tecnicidade#, nessa hipótese, é usada para designar a relação em nível micro da Atividade#, estruturando que:

$$\text{Atividade\#} > \text{Trabalho\#} > \text{Tecnicidade\#}$$

Leplat (2018), em sua convicção, opta por exacerbar o significado de Tecnicidade# chegando a torná-lo sinônimo de Atividade#. A problemática que gera em torno de Trabalho# torna-se, portanto, de menor importância, sendo a reordenação das relações uma decorrência matemática:

$$\text{Atividade\#} = \text{Tecnicidade\#} > \text{Trabalho\#}$$

Uma última concepção de Leplat (2018) é a de que os Objetos Técnicos# (Instrumentos#) podem ser agrupados com outros Instrumentos# segundo uma disponibilidade indefinida de conexões. Esse processo de organização baseado em atributos de uma classe de objetos é um recurso básico frequente dos trabalhos de categorização. Com essa afirmação e com a sua perspectiva de Trabalho# enquanto Atividade# que emprega o corpo do Sujeito# como Instrumento#, abre-se espaço para pensar o Gesto#.

O Gesto# é um tipo específico de Operação# que tem como atributo o uso do corpo do sujeito como Instrumento#, sendo tratado, por isso, em sinonímia com Técnica do Corpo# (Valverde, 2011). O autor, baseado em Mauss, opta pelo termo Gesto# e realiza um estudo em que identifica que a aprendizagem dos Gestos# se dá por imitação e reprodução, mas não deixa de ser social e cultural, fazendo com que a justificativa da existência de um determinado gesto apenas por seus atributos de eficácia não seja suficiente.

Mauss (2003), por sua vez, não se prende exclusivamente na defesa do paradigma materialista. Permite-se realizar um estudo sistemático e comparativo de categorizações possíveis aos Gestos# (os quais trata por Técnicas do Corpo#). Em seu estudo, adota como variáveis significativas sexo, idade, rendimento, formas de transmissão e historicidade (ao que chama de análise biográfica).

As pesquisas em historicidade do Gesto# identificam-se nos estudos de Leroi-Gourhan (2010) e, baseado neste, de Ouvriez-Bonnaz. O empreendimento desses autores é o de não só tratar o corpo como Instrumento#, mas de defender que se trata do primeiro Instrumento#. Como postula Ouvriez-Bonnaz (2010, p. 53), “a obra de Leroi-Gourhan é uma vasta empresa de descrição, de recenseamento e de classificação das técnicas”.

Leroi-Gourhan (2010, p. 56) aponta que “a tecnicidade, o pensamento, a locomoção e a mão aparecem como que ligados num só fenômeno”. Ao fazê-lo, situa os seus objetos de estudo – os Gestos# (Técnicas#, Operações#) e a mão (Instrumento#) – no contexto teórico que considera também outros Instrumentos# (nomeadamente pensamento e órgãos da locomoção). Seu estudo, portanto, volta-se à historicidade do processo de especialização dos Instrumentos# e das Técnicas#, tomando a mão como metonímia para seu real objeto de estudo – o corpo enquanto Instrumento#. Tal recurso figurativo, além de facilitar a delimitação do objeto de estudo, permite a manutenção da premissa teórica do caráter humano e cultural dos Sujeitos#.

Como a Teoria da Atividade# de Leontiev preocupa-se especialmente com a diferenciação dos homens (enquanto Sujeitos#) dos animais, naturalmente o enfoque das pesquisas sobre o corpo enquanto Instrumento# voltam-se às características particularmente humanas desse corpo. Assim, dentre os três elementos centrais postulados por Leroi-Gourhan (2010) (mão, pensamento e locomoção), apenas mão e pensamento são mais diretamente relacionados aos seres humanos pelos altos graus de especialização que tomaram

em relação aos outros animais.

Estudada a mão e descartada a locomoção, os estudos sobre o pensamento dentro da Teoria da Atividade# debruçam-se especialmente sobre o processo de ensino-aprendizagem, tomando o Conhecimento Significativo# como Instrumento# cognitivo do aluno a ser apropriado e operado adequadamente. Nessa visão, a Aprendizagem# enquanto Atividade# é reconhecida quando o aluno (Sujeito#) é capaz de realizar Ações# com o Conhecimento Significativo# aprendido (Sforni, 2003).

Como o processo de ensino-aprendizagem dentro do ambiente escolar ocorre em meio à socialização de sujeitos com funções diversas (professores e alunos, especialmente), é natural defender a existência de uma unidade entre as duas Atividades#. Na medida em que o professor também aprende sobre o aluno e sobre os seus modos de aprendizagem e isso altera a sua forma de ser-professor, ambas as Atividades# de ensinar e aprender, portanto, estão relacionadas (Moura, Araújo, Moretti, Panossian, & Ribeiro, 2010).

Em todos os casos, dado o caráter de abstração da Teoria da Atividade#, são válidos os seus postulados também para o contexto pedagógico, aqui tomado a título exemplificativo. Nesse sentido, Sforni (2003) pondera que a apropriação do conteúdo (aprendizagem, Atividade#) deverá ocorrer a partir de uma Necessidade# a ser satisfeita. A função do professor, portanto, é identificar Necessidades# já existentes e criar contextos para que Objetivos# determinados pelas Necessidades# sejam atendidos. É na criação desses contextos que os Conhecimentos Significativos# são colocados como Condições# (Instrumentos#) dos quais os alunos devem fazer uso para satisfazer suas demandas.

Para garantir uma aprendizagem contínua e cada vez mais profunda, “para que as ações passem para um lugar inferior na estrutura da atividade, tornando-se operações, é preciso que novas necessidades ou motivos exijam ações mais complexas” (Sforni, 2003, p. 8). Da mesma forma que as separações entre Ações# e Operações# não são limites claros, também não há de ser sempre clara a ordenação da complexidade das ações, em especial posto que tal complexidade depende diretamente das Condições# disponíveis.

Por fim, para o mundo pedagógico, vários termos da Teoria da Atividade# são cunhados de modo específico. Para Moura et al. (2010), Tarefa de Estudo# é a unidade fundamental da Atividade# de Estudo, sendo o termo Estudo# usado como sinônimo de Aprendizagem#, um tipo de Atividade#. Está, portanto, em nível mais basal da estrutura da Atividade#, equivalendo a uma Operação#. Na mesma toada, aponta como Ações# de Estudo os processos de autoavaliação e autorregulação da aprendizagem. Do lado do ensino (Atividade# do professor), a Atividade# é descrita como aquela que atende à Necessidade# de aproximar o aluno do Objeto# de Ensino (o Conhecimento Significativo#), que se tornará também Instrumento#. O autor trata desse processo como apenas uma função de aproximação entre aluno e objeto, vez que tal abordagem considera que a aprendiza-

gem de fato seja Atividade# do aluno.

Considerações finais

O presente artigo teve por objetivo organizar o léxico em torno da Teoria da Atividade de Leontiev. Como demonstrado, trata-se de uma teoria com alto grau de abstração que, graças a isso, ganhou a potencialidade de ser aplicada aos mais diversos contextos, trazendo contribuições ao estudo das mais variadas realidades.

As principais categorias identificadas como relevantes para o entendimento da Teoria da Atividade foram aqui nomeadas como: Sujeito#, Atividade#, Ação#, Operação# (e seus subtipos Técnica# ou Tecnicidade# e Gesto#), Objeto# (Necessidade#, Objetivo# e Condições#, com seu subtipo Instrumento# ou Utensílio# ou Objeto Técnico#).

Foi registrado também unânime o entendimento de que o uso da Teoria da Atividade pressupõe um estudo integrativo, capaz de observar as diversas dimensões e relações de todos os envolvidos em uma Atividade#. Esse posicionamento, sugere-se, foi decorrente, também, de uma Necessidade#: a disputa de forças paradigmáticas na ciência entre um positivismo acríptico e uma opção histórico-materialista.

Nesse contexto de disputas, alguns autores pouco agregam à Teoria da Atividade enquanto uma epistemologia, reduzindo sua pesquisa e seus argumentos à mera defesa da premissa de que todas as categorias estão correlacionadas, fato esse, aparentemente, apaziguado desde o surgimento da teoria, exatamente por tratar-se de uma premissa. Mais grave, porém de modo pontual, encontraram-se autores que propõem toda uma reclassificação terminológica travestida de problematização com o aparente intuito de colocarem-se como inovadores dentro dos estudos da teoria.

Por fim, com a expansão da multiplicidade de vozes e disputas em torno dessa teoria – e, certamente, de várias outras –, o estudo linguístico do léxico mostrou-se Instrumento# importante na sistematização e organização dos conhecimentos, permitindo-se superar alguns desses embates e partir para a estruturação de estudos que realmente agreguem elementos novos ao debate, com novas propostas para que a Teoria da Atividade seja aplicada eficazmente sobre problemas materiais.

Recebido em 01 de agosto de 2018.

Aprovado para publicação em 21 de janeiro de 2021.

Referências

CRESSWELL, R. Utensílio. **Enciclopédia Einaudi**. Imprensa Nacional/Casa da Moeda,

Lisboa, Portugal, v. 16, p. 313-328, 1989.

HAUDRICOURT, A. La technologie, Science humaine. **La Pensée**, n. 115, p. 28-35, 1964. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5816034v/f30.image.langPT>>. Acesso em 25 abr. 2024.

LEONTIEV, A. **Atividade Consciência e Personalidade**. 1978. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1978/activ_person/cap05.htm>. Acesso em 25 abr. 2024.

LEONTIEV, A. Activity and Consciousness. **Revista Dialectus - Revista de Filosofia**, n. 4, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/5173>>. Acesso em 25 abr. 2024.

LEPLAT, J. Volver sobre Gilbert Simondon y su libro inicial. **Laboreal**, v. 14, n. 1, 2018. Tradução Patricio Nushold. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/laboreal/545?lang=pt>>. Acesso em 25 abr. 2024.

LEROI-GOURHAN, André. A libertação da mão. **Laboreal**, v. 6, n. 2, 2010. Tradução de João Viana Jorge. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/laboreal/8861>>. Acesso em 25 abr. 2024.

MACHADO, L. Instrumentos de trabalho. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <<https://gestrado.net.br/verbetes/instrumentos-de-trabalho/>>. Acesso em 25 abr. 2024.

MACHADO, T. S.; MACHADO, L. R. A Teoria da Atividade de Alexei N. Leontiev e sua abordagem sobre a correlação entre motivos e sentidos pessoais. **Trabalho & Educação**, v. 27, n. 2, p. 151-164, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9764>>. Acesso em 25 abr. 2024.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003, p. 399-422. Disponível em: <<http://psico48.files.wordpress.com/2011/08/58756964-sociologia-e-antropologia-marcel-mauss-as-tecnicas-do-corpo.pdf>>. Acesso em 25 abr. 2024.

MOURA, M. O. *et al.* Atividade orientadora de ensino: unidade entre ensino e aprendizagem. **Revista Diálogo Educacional**, v. 10, n. 29, p. 205–229, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/3094>>. Acesso em 25 abr. 2024.

OUVRIER-BONNAZ, R. Introdução ao texto “A libertação da mão” de André Leroi-Gourhan. **Laboreal**, v. 6, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/laboreal/8878>>. Acesso em 25 abr. 2024.

SFORNI, M. S. F. Aprendizagem conceitual e organização do ensino: contribuições da teoria da atividade. In: **Anais da 26a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação**. Caxambu: ANPED, 2003.

SIMONDON, G. Do modo de existência dos objetos técnicos: introdução: Texto original: Simondon, G. (1969). Introduction. In G. Simondon. Du mode d'existence des objets techniques (pp. 9-16). Paris: Aubier. **Laboreal**, v. 14, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/laboreal/546>>. Acesso em 25 abr. 2024.

VALVERDE, J. C. El gesto analógico. Una revisión de las “técnicas del cuerpo” de Marcel Mauss. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, v. 3, n.7, 2011, p. 75-87. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2732/273221545008.pdf>>. Acesso em 25 abr. 2024.